

## O que é, o que é?

Pedro Paulo Salles

Artigo publicado na Revista Ciência Hoje das Crianças, Ano 8, No 54, 1995

.....

- O que é, o que é? Ou melhor, quem é? Que escrevia histórias árabes, mas era brasileiro? Era professor de matemática e os alunos gostavam de suas aulas? Era famoso, mas também brincalhão? Gostava de sapos desengonçados, mas adorava geometria? - Não faço idéia. - É o Malba Tahan!

- Malba Tahan? - Era um sujeito muito interessante, um professor de matemática superlegal. Era também escritor e escreveu muitos livros.- Quantos?

*Quantos livros? Digo quantos:*

*Um quarto de quatro cantos*

*Pense bem no que te digo*

*Cada canto tem sem livros*

*E cento e quarenta no meio*

*Me responda sem receio*

*(Se errar, problema teu*

*Quantos livros escreveu?... (1)*

- Esse nome, Malba Tahan? Não é meio esquisito? - Ah, é árabe. Significa “o moleiro do oásis de Malba”. - Esse tal de Malba Tahan era árabe? - Nada disso, era brasileiroíssimo! - Ora bolas, então por que tinha um nome árabe? - Bom, esse não era o seu verdadeiro nome. - Ah, não? Não estou entendendo mais nada! - Seu nome era Júlio César de Mello e Souza. Ele nasceu no Rio de Janeiro e inventou aquele nome para fingir que era um escritor árabe. Inventou até uma história que contava a vida desse escritor, como se tivesse realmente existido, e todo mundo acreditou. Tudo aconteceu porque ele tentou publicar uns contos em um jornal, mas não conseguiu, porque não era famoso, nem estrangeiro. Aí ele inventou o nome de R.S. Slade. Depois, levou os mesmos contos para o diretor do jornal, só que assinados com esse nome falso e disse: “Traduzi uns contos desse fabuloso escritor americano. Dê uma lida”.

- E deu certo? - O primeiro conto foi publicado no dia seguinte, na primeira página do jornal! - Vejam só! - Ora bolas, ele pensou, então vou usar sempre um nome estrangeiro. Dito e feito! E escolheu Malba Tahan porque adorava escrever histórias árabes. Eram aventuras misteriosas, com beduínos do deserto, xeques e vizires, magos e emires, princesas e sultões. O seu livro mais famoso é *O Homem que Calculava*, que conta as aventuras de Beremís, um árabe que gostava de resolver os problemas da vida com soluções malucas e cheias de matemática.

- Malba Tahan deve ter sido um ótimo aluno de matemática... - Que nada! Ele ia mal em matemática porque não gostava muito da aula. Só mais tarde, teve um professor de quem gostava e aí começou a entender melhor a matéria.

Ele gostava mesmo é de brincar. -Quais as suas brincadeiras preferidas? - Brincar com sapos e escrever pequenas revistas, que se chamavam..

.- Pronto, lá vem outro nome esquisito! - ERRE. A revista tinha histórias, notícias e jogos. - “Erre” da letra “R”, ou “erre” de “errar”? - Não sei. Acho que era um pouco dos dois, pra nos confundir mesmo. Ele tinha uns 10 anos nessa época e já escrevia tão bem que vendia no colégio redações para os colegas que iam mal em português. Só assim tinha dinheiro para comprar chocolate.

- E as férias? - Ia sempre para a cidade de Queluz que fica em São Paulo, na beira do Rio Paraíba. A cada férias ele publicava um ou dois números da Erre. Foi nessa revistinha que ele inventou seu primeiro nome falso, Salomão IV. Veja nesta página um número da revista.

- E os sapos? - Ah, ele tinha o costume de juntar os sapos, com a ajuda de um chicotinho, para que comessem os insetos na horta de sua mãe. Ele acabou ficando amigo deles. Parece até que sabia se comunicar com esses animais. Ele ia andando e os sapos iam atrás. - Já imaginou! - E quando se tornou adulto e virou professor e escritor continuou a colecionar sapos... - Ahn? - ...de louça. - Ah, bom.

- Por falar em sapo, você já imaginou um professor que entra na sala de aula de guarda pó branco e uma vareta, se curva diante do aluno e diz “Salam AleiKum”, que quer dizer a paz esteja contigo, em árabe. Depois, escreve na lousa uma adivinha sobre sapos para dar uma explicação matemática!

Sete sapos há no brejo  
Cem crianças no colégio  
Quem responde ou fica mudo  
Quantos dedos há em tudo? (2)

- É o fim! Ou melhor, é o começo! Não, não, é o meio... porque foi no meio de sua vida que virou o professor Mello e Souza e contador de histórias. Aliás, ele certamente iria nos interromper nesse ponto para dar uma explicação matemática para a idéia de “começo-meio-e-fim”. - Assim já é demais! -Pronto! Mais uma para ele analisar. Aqui o professor Mello e Souza diria: “Demais significa além da conta, em demasia, D+, muito positivo, em excesso, isto é, super, superando a expectativa anterior”.

- Realmente ele ia além das expectativas. - A aula dele devia ser DEZ! - Pronto, mais uma! Na certa, ele falaria sobre os números eleitos como superiores e aqueles pobres números que provocam pena. Portanto, quando se fala “É dez!”, está se falando de um número elegante, heróico, vitorioso e rico. Ou um tanto convencido, como alguém que tirou nota dez.

- Se bem que, para algumas provas, dez poderia ser demais. Afinal, como dizia o físico alemão Albert Einstein, tudo é relativo. - Einstein para ele era onze! Demais!

- E o zero? Eu posso imaginar: o pobrezinho era um nada, um zero à esquerda. - Nada disso! Para ele, o zero era muito importante, uma coisa positiva, de muito valor. - Puxa! E o zero até hoje é usado para denominar uma pessoa sem valor, como o Recruta Zero. Meu pai me contou sobre um sujeito que se chamava Um Dois Três de Oliveira Quatro. - Malba Tahan ia adorar isso! Os números e as propriedades numéricas eram para ele como seres vivos. Para ele, havia números alegres e bem humorados, frações tristes, multiplicações carrancudas e tabuadas sonolentas. Havia algarismos arábicos com longas túnicas brancas e turbantes vermelhos e havia contas-de-faz-de-contas.

- Afinal, você não respondeu à minha pergunta: como era a aula dele? - Ele apresentava a matemática com histórias, jogos e enigmas. Era o tipo do professor que chegava e desenhava na lousa um enorme bigode e completava com sua voz engraçada: "Gode: cada uma das duas partes simétricas de um bigode". - E pronto! Começava a aula sobre simetria e percepção de regularidades. Ou então dava um enigma matemático para ser resolvido, como um quadrado mágico, por exemplo.

- Os erros não o incomodavam? - Não, porque ele sabia que a matemática tinha que ser descoberta e que para descobrir uma coisa é preciso errar e trabalhar com números aproximados. Ele ensinava que os erros eram caras legais! Os erros nos mostravam caminhos diferentes e revelam novas formas de pensar. Por exemplo, o jogo do labirinto é um jogo de tentativa e erro. O errar faz parte do jogo de aprender.

- Bem, essa é a história de Malba Tahan, o nosso "carioca das arábias", o nosso "Pelé dos números". Se estivesse vivo, ele teria completado, no último dia 6 de maio, 100 anos. Parabéns, menino Julinho! Parabéns, Salomão IV! Parabéns, professor Mello e Souza! Parabéns, Malba Tahan! Para terminar, mate esse último enigma:

O que é, o que é?...

Seis mortos estão esticados

Cinco vivos passeando

Os vivos estão calados

Os mortos estão cantando. (3)

.....

(1) Cerca de 120 livros

(2) Sapos: Cada sapo tem 16 dedos (4 em cada pata). Portanto, 7 sapos têm 112 dedos. Cem crianças têm 2000 dedos. Logo, a resposta é 2.112 dedos.

(3) Mortos e vivos: É o violão! Seis cordas e cinco dedos... Pense bem!